

***Acupuntura Urbana. Reconversão Parque Desportivo Municipal João Martins***

Componente projetual do trabalho de projeto realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura

Andreia Medeiros Tavares

Orientador da Vertente teórica: Professor Doutor Pedro da Luz Pinto

O presente trabalho foi escrito de acordo com o acordo ortográfico em vigor e obedece às normas de apresentação para de PFA estabelecidas pelo ISCTE-IUL, adotando a NORMA ISO 690 para as referências bibliográficas.

Todas as fotografias, esquemas ou desenhos foram executados pelo autor, exceto indicação do contrário.

ISCTE-IUL, Lisboa 2016





**Acupuntura Urbana. Sines**  
Parque Recreativo Municipal João Martins

*“Porque estamos hoje confrontados com um território imenso, urbano e cultural, que nos põe o problema do seu desbravamento. Estamos a pagar caro por um passado de anti-intelectualismo, porque a conquista do território de que devemos tornar-nos hoje pioneiros, exige mais reflexão do que força física. Precisamos, ao mesmo tempo, de ideias e de paixão, coisas que descobriremos mais entre os seres humanos do que no mundo dos objectos, mais através das estruturas do que dos conteúdos, mais na profundidade dos contactos humanos do que no desprendimento e na separação”*

**HALL, Edward (1986)**

## ÍNDICE

<b>128</b>	<b>0. Introdução</b>		
<b>131</b>	<b>1. Sines: Cidade como Arquipélago</b>	<b>185</b>	<b>5. Reconversão. <i>Parque Desportivo Municipal João Martins</i></b>
133	a. O Lugar: Evolução Morfológica		
136	b. As Pessoas: Evolução Demográfica e Social	188	a. Enquadramento
144	c. O Momento: Passado vs Presente . Futuro?	196	b. O lugar
		206	c. A estratégia
		212	d. A proposta
<b>146</b>	<b>2. Crise: a Insuficiência dos Instrumentos de Planeamento e o “Direito à Cidade”</b>	<b>260</b>	<b>6. Bibliografia</b>
148	a. A Cidade Planeada		
152	b. A Cidade depois dos Planos	<b>263</b>	<b>7. Anexos</b>
<b>158</b>	<b>3. Agir agora: Arquitectura como Acupuntura Urbana</b>		a. Paineis submetidos ao Concurso Prémio Universidades’ da 4ª Edição da Trienal de Arquitectura Millennium BCP 2016
160	a. Os Vazios como Oportunidade		b. Mapas-processo da primeira parte do trabalho
166	c. O Espaço Público e as suas Ligações		c. Enunciado da vertente prática de P.F.A. 2015/2016
<b>172</b>	<b>4. Realismo Poético: o Processo de uma Proposta com Metodologia Extensível</b>		
174	a. Participação como Processo		
180	b. Uma Proposta em Diferentes Escalas e Programas		

## 0. INTRODUÇÃO

### a. Tema e Objetivos

O presente trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura (PFA) do Mestrado Integrado em Arquitetura, no ano letivo de 2015-2016, do Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Empresas – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Esta unidade curricular foi desenvolvida no âmbito do ‘Concurso Prémio Universidades’ da 4ª Edição da Trienal de Arquitetura Millennium BCP 2016. Este desafio lançado às escolas de arquitetura, a nível nacional, refere-se ao tema “Sines: Núcleo Urbano, Industria e Estrutura Portuária”. Tendo o território de Sines como ponto de partida, os curadores propõem um exercício que poderá ser visto “na fronteira entre transformação poética e experiência política” . O exercício visa integrar o “aproveitamento de recursos existentes, o potencial programático do lugar, as relações e contextos que superam a escala do próprio território e tempo, demonstrando a capacidade transformadora da arquitectura”<sup>1</sup>. De acordo com o enunciado da vertente projetual da unidade curricular de PFA (Anexo c.), o objetivo principal é desenvolver tanto projeto urbano como projeto de arquitetura, com especial foco na relação entre a cidade de Sines e a sua envolvente industrial e paisagística . Considerando estes objetivos, e com a consciência de um território dominado pelo crescimento industrial, o grupo propôs-se a trabalhar sobretudo sobre os assuntos sociais a fim de ensaiar uma estratégia que possibilitasse a regeneração e inclusão urbana e social.

<sup>1</sup> Em “Concurso Universidades. Trienal de Arquitetura Millennium BSP 2016”. Disponível em <http://www.trienaldelisboa.com/theformofform/programa/universidades/>

## b. Metodologia

Na primeira fase do trabalho, “Sines: cidade como arquipélago”, procedeu-se a i) uma análise territorial através da evolução morfológica e observação in situ; ii) análise demográfica e social, explorando dinâmicas dos acontecimentos históricos e recenseamentos demográficos. Na seguinte fase, “Crise: a insuficiência dos instrumentos de planeamento e o ‘direito à cidade’”, foi realizada i) uma análise da cidade de Sines atual, através de levantamentos; ii) uma análise dos planos de pormenor previstos para a cidade. Consequentemente, pareceu pertinente realizar um levantamento dos vazios urbanos, documentado detalhadamente num catálogo à parte. Na terceira fase, são admitidos os vazios urbanos como oportunidades de transformação do território levando a i) um levantamento de vias, aliada a uma proposta hierárquica e detalhada num segundo catálogo de grupo; e ii) um levantamento dos espaços naturais. Desta forma permite-se estabelecer uma estratégia, complementar às existentes, que consiste numa rede de sistemas onde se procura potenciar a escala humana. Por fim, num “Realismo Poético: o Processo de uma Proposta com Metodologia Extensível, apresenta-se de um modo geral a proposta em diferentes escalas e programas, com base na participação como processo. Cada uma das 6 propostas, corresponde ao trabalho individual de cada membro do grupo e será desenvolvida nos respetivos trabalhos.

Este trabalho foi desenvolvido essencialmente através de observações in situ, discussão em grupo e com o tutor da vertente projetual de PFA e explorado através do desenho. O presente projeto alcançou a 2ª fase do referido concurso, sendo um dos 20 trabalhos selecionados, entre os 56 apresentados, para a exposição “Sines: Logística à Beira-Mar” e para o catálogo da 4ª edição da Trienal de Arquitetura de Lisboa.



a. Sines: o Lugar  
Evolução Morfológica



b. Sines: as Pessoas  
Evolução Demográfica e Social



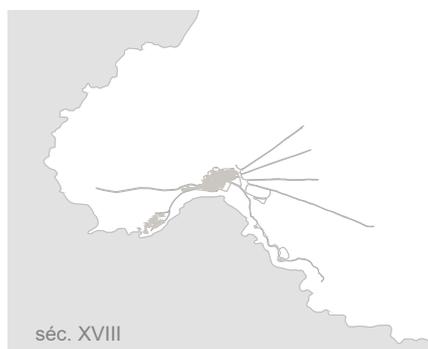
c. Sines: o Momento  
Passado vs Presente . Futuro?

## **1. SINES: CIDADE COMO ARQUIPÉLAGO**

Os grandes investimentos realizados desde a década de 60 com a ambição de transformar Sines num grande porto oceânico e num pólo de desenvolvimento regional, tiveram um profundo impacto paisagístico e ambiental que transformou de forma brutal a linha de costa e o hinterland de Sines. A cidade encontra-se cercada por infraestruturas industriais que não lhe pertencem, que cortaram ligações territoriais ancestrais e que ultrapassam a sua escala e escala do seu território. Sines, como que já não pertence nem ao próprio Alentejo, tem-se tornado um anexo da área metropolitana de Lisboa. (MATTOSO, José; DAVEAU, Suzane (2010) ) Irradiando do centro histórico, com centro no Castelo de frente para o espelho do Mar, a cidade dilui-se progressivamente em várias ilhas, afastadas do horizonte límpido do mar e da integridade e densidade do centro, organizam-se numa sucessão fragmentada de bairros, de edifícios, de vazios, de terrenos expectantes, sempre limitados no horizonte pelas grandes infraestruturas que simultaneamente a confinam e a ultrapassam.

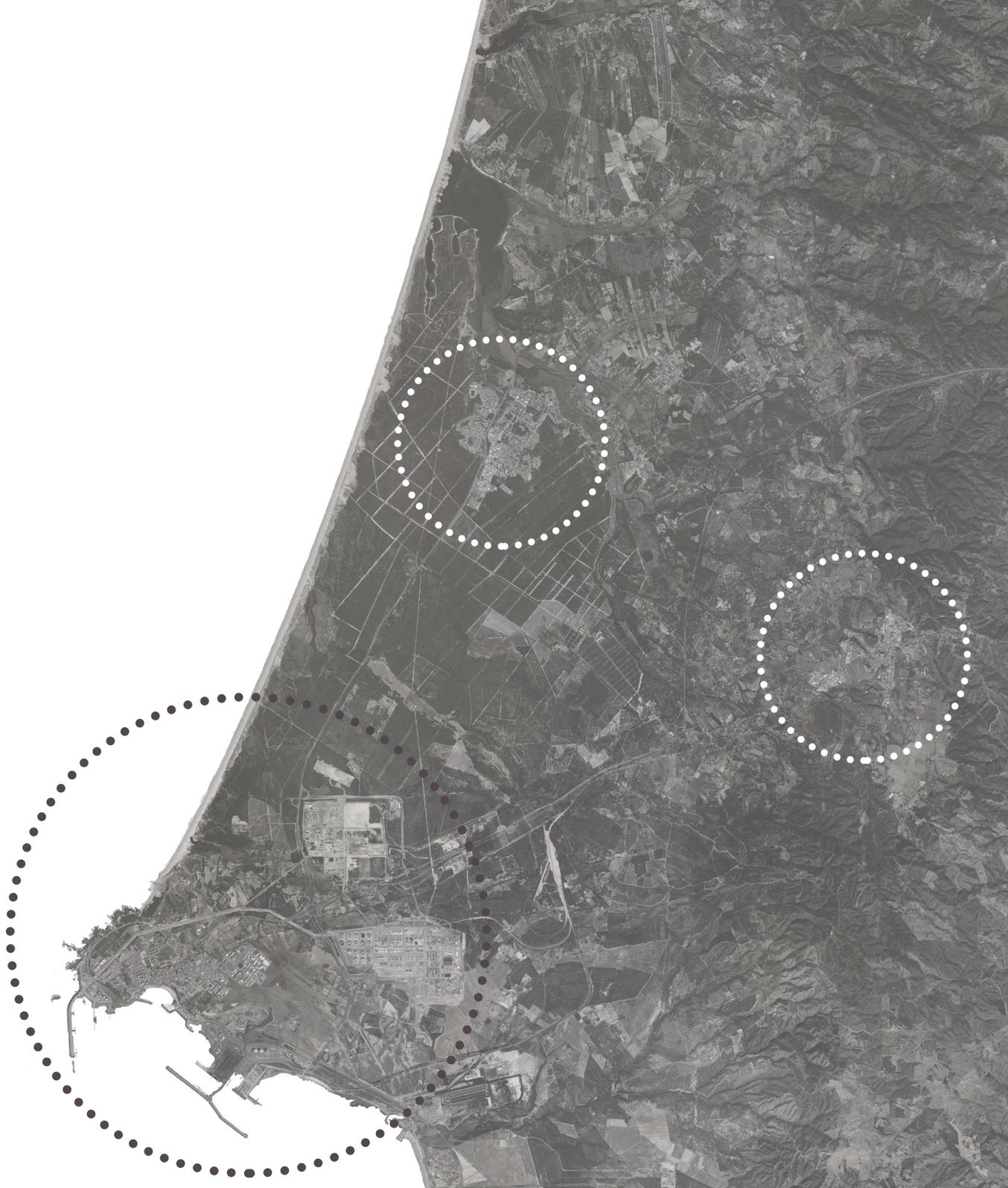


O mar e os seus recursos foram desde sempre importantes definidores e potenciadores do desenvolvimento da cidade de Sines. As actividades aqui desenvolvidas relacionaram-se sobretudo com a indústria da cortiça, pesca e alguma agricultura. Apesar de um desenvolvimento lento entre a II Guerra Mundial e a década de 1970, pode-se observar no início desta década uma grande mudança na cidade devido à criação de um grande complexo portuário e industrial. Apesar das consequências positivas, a cidade passou a sofrer uma tremenda pressão infraestrutural que a ultrapassou, com implicações paisagísticas, ambientais e urbanísticas que a ultrapassam e condicionam decisivamente.









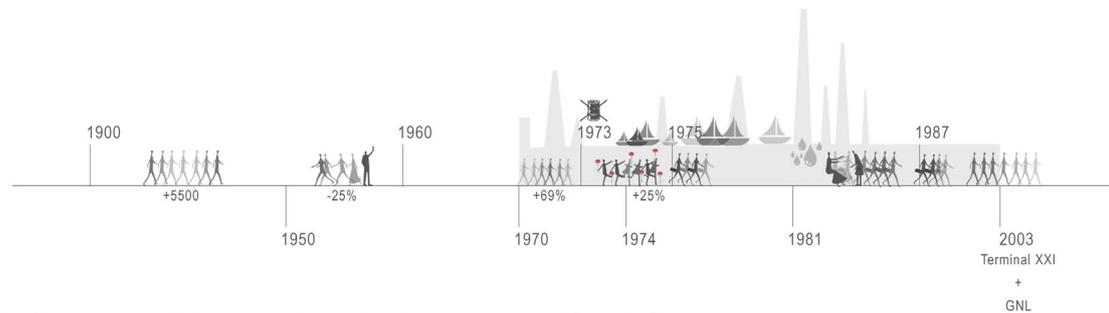
Em paralelo ao desenvolvimento morfológico a observação das mutações de desenvolvimento demográfico e social permitem-nos compreender de modo mais abrangente as dinâmicas socio-territoriais e a evolução ou tendências da própria pressão urbanística. Tendo como base informações múltiplas, das quais se destacam os Censos de 1991, 2001 e 2011, notamos os seguintes factos:

-1ª metade do século XX: período com um crescimento demográfico gradual de 5500 pessoas entre 1900-1950

-2ª metade do século XX (décadas de 50/60): diminuição demográfica em 25%, devido ao êxodo rural, emigração por razões económicas e políticas e à guerra nas ex-colónias ultramarinas.

-1970 - Novo Ciclo Económico localização de uma área concentrada de indústrias em Sines - crescimento da atividade portuária, industrial, urbana e demográfica (em 69%).

Numa fase posterior à crise petrolífera = desenvolvimento populacional e económico com o início da exploração do porto comercial e do terminal



3 - diagrama cronológico com a síntese das alterações demográficas de Sines

petroleiro.

- 1974 - Democracia: grande impacto da revolução 25 de Abril = fixação de muitos portugueses das ex-colónias em Sines
- 1975: execução dos planos parciais = chegada de migrantes trabalhadores essencialmente da construção civil e montagem de equipamentos, ultrapassando o previsto valor de 5000 habitantes para 6000.
- 1981: Sines = 12075 habitantes. Petroquímica entra em funcionamento, desenvolvendo o sector terciário e serviços públicos (segundo os Censos de 91, 20% da população portuguesa migra para Sines).
- 2003: novo período de dinamismo económico causado pelos investimentos privados e público no porto, nas ZILS e em várias infraestruturas de transporte.
- 2008-2010: Impacto da grande crise económica: em 2008 o PIB per capita era o 2º de Portugal logo depois da Grande Lisboa e o PIB por pessoa empregada era, em 2009, o 1º do país. Em contraponto e face aos investimentos portuários imediatamente anteriores e acompanhando a globalização da economia mundial, o movimento portuário aumenta consistentemente, enquanto a cidade sente os pesados efeitos da grave crise económica.

Faixa Etária	Edifícios
	(2001 / 2011) Sines - 3307 / 3866 Santiago do Cacém - 2592/ 2831 Santo André - 2741 / 2870
	89% Residenciais
	<b>Licenças de Construção 2014</b>
(2001 / 2011)  0 aos 14 - 1959 / 1814 15 aos 24 - 1834 / 1616 25 aos 64 - 6795 / 7521 65 ou mais - 1873 / 2249	<b>Sines</b> 42% Habitação 30% Indústria 13% Comércio e Serviços 11% Outros 4% Habitação / Comércio / Serviços
%  0 aos 14 - 15.72 / 13.74 15 aos 24 - 14.72 / 15.24 25 aos 64 - 54.53 / 56.98 65 ou mais - 15.03 / 17.04	<b>Porto Côvo</b> 90% Habitação 10% Habitação / Comércio / Serviços

**Alojamentos**

(2001 / 2011)

Sines - 6957 / 7210

Santiago do Cacém - 3836/  
4389

Santo André - 53250 / 5890

777 vagos (10.8%)

**Tipo de Obra 2014****Sines**

50% reconstruções

41% construção

9% legalizações

**Condições 2011**

70.6% Residência com água

70.4% Residência com Retrete

70.6% Residência com Esgoto

70% Residência com banho

30% Residências sem  
condições

mínimas de habitabilidade

**Famílias**

(2001 / 2011)

Sines - 4478 / 5199

Santiago - 2781 / 3126

Santo André - 4478 / 4265

**Numero de elementos na  
família (2011)**

55% - 1 ou 2 elementos

39% - 3 ou 4 elementos

6% - 5 ou + elementos

**Desemprego nas famílias  
(2011)**89% - familias sem desempre-  
gados10% - familias com 1 desem-  
pregado1% - familias com 2 ou + de-  
sempregados**Indivíduos**Presentes: Indivíduos que, na  
altura dos censos, estavam a  
residir nos locais estudados e  
presentes nessa residência;Residentes: Indivíduos que, na  
altura dos censos, estavam a  
residir no locais estudados mas  
que estavam fora desses locais  
por diversos motivos (estudos,  
trabalhos, etc)**(2001 / 2011)****Sines**

presentes - 12184 / 13203

residentes - 1461 / 13200

**Santiago**

presentes - 6993 / 7315

residentes - 7274 / 7603

**Santo André**

presentes - 9866 / 9995

residentes - 10696 / 10647

**Eixos de Desenvolvimento****Sines (2001 / 2011)**

Sector Primário - 374 / 195

Sector Secundário - 1703 /  
1950

Sector Terciário - 3554 / 3972

**Santiago (2001 / 2011)**

Sector Primário - 167 / 115

Sector Secundário - 880 / 862

Sector Terciário - 2264 / 2491

**Santo André (2001 / 2011)**

Sector Primário - 140 - 72

Sector Secundário - 1796 /  
1796

Sector Terciário - 2888 / 2888

**Actividade Económica****Sines (2001 / 2011)**

Desempregados - 622 / 648

1º Emprego - 93 / 120

À procura - 529 / 528

**Santiago (2001 / 2011)**

Desempregados - 262 / 227

1º Emprego - 37 / 46

À procura - 225 / 181

**Santo André (2001 / 2011)**

Desempregados - 2600 / 497

1º Emprego - 86 / 101

À procura - 514 / 396

**Ensino**

(2001 / 2011)

Analfabetos - 1233 / 671  
 Literados - 10527 / 10680

**Níveis de Ensino****2001**

4205 pessoas com o 1º ciclo  
(40%)  
 1422 pessoas com o 2º ciclo  
(13.5%)  
 1644 pessoas com o 3º ciclo  
(15.5%)  
 2166 pessoas com o ensino  
secundário (20.5%)  
 56 pessoas com o ensino  
médio (0.5%)  
 1034 pessoas com o ensino  
superior (10%)

**2011**

3155 pessoas com o 1º ciclo  
(29.5%)  
 1654 pessoas com o 2º ciclo  
(15.5%)  
 2448 pessoas com o 3º ciclo  
(23%)  
 2083 pessoas com o ensino  
secundário (19.5%)  
 165 pessoas com o ensino  
médio (1.5%)  
 1175 pessoas com o ensino  
superior (11%)

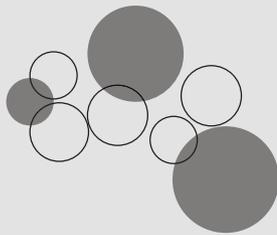
**Desemprego**

120 pessoas à procura do 1º  
emprego (0.88%)  
 528 à procura de emprego  
(3.85%)  
 6117 pessoas Empregadas  
(44.64%)  
 2437 pessoas com pensão/  
reforma (17.79%)  
 4500 pessoas sem actividade  
económica (32.84%)

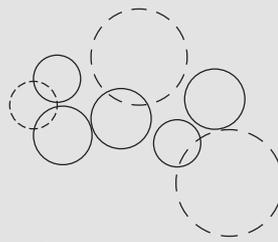




6 - Imagens de Sines (2013-2016): uma cidade limitada pelos canais infraestruturais.



a. Sines: a Cidade Planeada



b. Sines: a Cidade depois dos  
Planos

## **2. CRISE: A INSUFICIÊNCIA DOS INSTRUMENTOS DE PLANEAMENTO E O “DIREITO À CIDADE”**

Ao longo de toda a coroa urbana periférica ao centro sente-se uma sensação de paralisia e de tempo congelado, por entre uma sucessão de espaços interrompidos e incompletos, aguardando um cenário de crescimento e de consolidação cuja concretização se afigura cada vez mais incerta, dadas as sombras lançadas pela grande crise económica de 2008 e pela inexorável inversão da pirâmide populacional no país. As incertezas e as relações disruptivas na paisagem e no território sucedem-se a várias escalas: entre a cidade e o porto, entre o ambiente e paisagem e a infraestrutura económica e produtiva, mas também entre a frente urbana litoral e a coroa urbana interior, entre a compacidade do centro e a dispersão da periferia, entre os vários bairros periféricos entre si, entre o limite da cidade e a cerca edificada dos “não-lugares” rodoviários e do corredor de pipelines. E no entanto toda a cidade está planeada. Mas os planos estão por cumprir e a eficácia das suas proceções por provar. Todavia quem habita estes territórios também tem “direito à cidade” (LEFEBVRE, Henri, 1974), o direito a um espaço (social) com qualidades imediatas para hoje, para quem o habita, reflectindo como produto (social) a melhor possibilidade de uma vida comum.





A forte desagregação urbana sentida nas zonas periféricas de Sines não está vencida pelos instrumentos de planeamento que destas áreas se ocupam. As perspetivas de crescimento necessárias para cumprir a carga edificada associada aos vários planos são incertas, e se associadas aos ritmos de crescimento populacional verificados desde 2000, o horizonte de concretização será de décadas. Torna-se necessário agir no imediato.

Trata-se de garantir alguma concretização intermédia, elaborando sobre os planos em vigor com recurso a projetos específicos, que conduzam a transformações concretas e pontuais, que conformem lugares, curando feridas, gerando urbanidades-ancora, que permitam momentos intermédios e que constituam exemplos e focos de irradiação de urbanidade e de serviços públicos.

A Norte propomos a retificação no imediato da alameda de acesso à cidade, marcando um grande eixo de penetração de espaço naturalizado-

público ao longo do corredor da antiga linha férrea, levando ao redesenho da massa edificada adjacente, prevista no plano de pormenor da Zona Norte, que agora se pretende mais permeável visualmente e equipada com programa de valor social e simbólico. A Sul procura-se igualmente curar as feridas provocadas por malhas urbanas incompletas mediante um redesenho do espaço público e a transferência, estratégica, de carga edificada, propondo-se um programa de equipamento público para a zona adjacente às Piscinas Municipais.

Os programas funcionais serão eminentemente públicos e associados a reconfigurações do espaço público, que funcionarão como âncoras de urbanidade, que valorizam e incentivam as áreas urbanas adjacentes. Estes programas resultam de uma leitura das potencialidades existentes e planeadas, mas também de uma pesquisa junto dos habitantes, com recurso a questionários, que visou compreender necessidades e desejos efetivos dos habitantes de Sines.





1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36



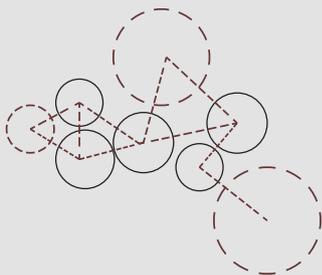




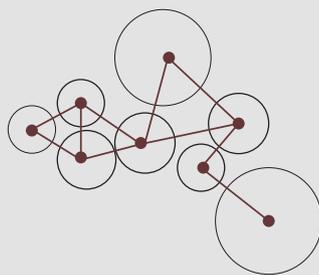
9 - Fotografias actuais dos espaços residuais (vazios) da cidade de Sines







a. Sines: os Vazios como  
Oportunidade



c. Sines: o Espaço Público e as  
suas Ligações

### **3. AGIR AGORA: ARQUITECTURA COMO ACUPUNTURA URBANA**

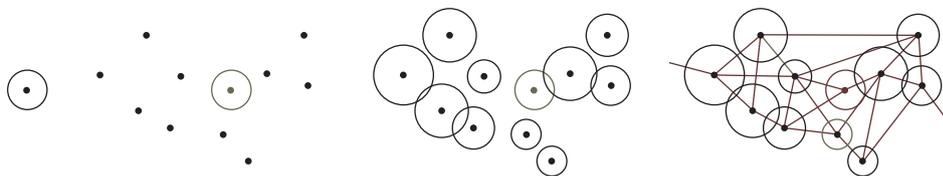
Propomos antes do mais uma metodologia de intervenção. Baseada numa sucessão dupla de acções: de edificação e de reconversão de espaço público. Ambas à escala dos lugares e da cidade, que funcionariam como “acupunturas” (FRAMPTON, Kenneth (2000)), activadoras de circunstâncias reais para pessoais reais. Agir agora, em circunstâncias concretas, sobre espaços expectantes, subaproveitados ou à espera da concretização dos momentos urbanísticos planeados. Agir com consciência do tempo e da imperfeição dos meios, procurando “lugares-forma” e não tanto “produtos-forma” (FRAMPTON, Kenneth (2000)), em que a mega-estrutura urbana, que finalmente equilibrará o território e a relação cidade-porto, não será uma “outra” estrutura, mas sim a estrutura constituída pela consistência da própria cidade existente.

Propomos programas eminentemente públicos, em locais estratégicos, no meio ou no limite de malhas urbanas, reaproveitando estruturas e funcionando como âncoras de urbanidade. Programas que deveriam resultar de processos de discussão pública, onde a arquitectura seria determinante para agregar e dar sentido aos vários “depends” lançados pela discussão (TILL, Jeremy (2009)). Arquitecturas que se enquadram em circunstâncias, podendo assim crescer como árvores enraizadas em solo fértil e não as “virgens-brancas” (TÁVORA, Fernando (1963)) suportadas por preconceitos e ambições de classe. Propõe-se uma metodologia que suporta as soluções formais e propõe-se várias soluções e em vários lugares e com várias escalas, porque é assim que a cidade e o tempo operam.

*“São os lugares urbanos, que queremos denominar com a expressão francesa terrain vague, os que parecem converter-se em fascinantes pontos de atenção, nos indícios mais solventes para se poder referir à cidade, para indicar com as imagens o que as cidades são, a experiência que temos dela. (...) Há um segundo significado que se superpõe ao de vague em francês como vacant. Esse é o termo vague procedente do latino vagus, vague também em inglês, no sentido de indeterminate, imprecise, blurred, uncertain. De novo, o paradoxo que se produz na mensagem que recebemos desses espaços indefinidos e incertos não é necessariamente uma mensagem negativa. Certamente, parece que os termos análogos que temos marcado estão precedidos de uma partícula negativa in-determinate, im-precise, un-certain, mas não é menos certo que essa ausência de limite, esse sentimento quase oceânico, para dizer com uma expressão de Sigmund Freud, é precisamente a mensagem que contém expectativas de mobilidade, tempo livre, liberdade.” (SOLÁ-MORALES, Ignasi (2002))*

*O terreno vago, o fragmento entre espaços edificados, o baldio entre malhas urbanas, a estrutura de vazios-vagos ou subaproveitados tornam-se deste modo uma superestrutura de oportunidade para a cidade. Seja para a densificação, o equipamento ou a renaturalização do território, esta superestrutura indica-nos os pontos para uma acupuntura urbana.*



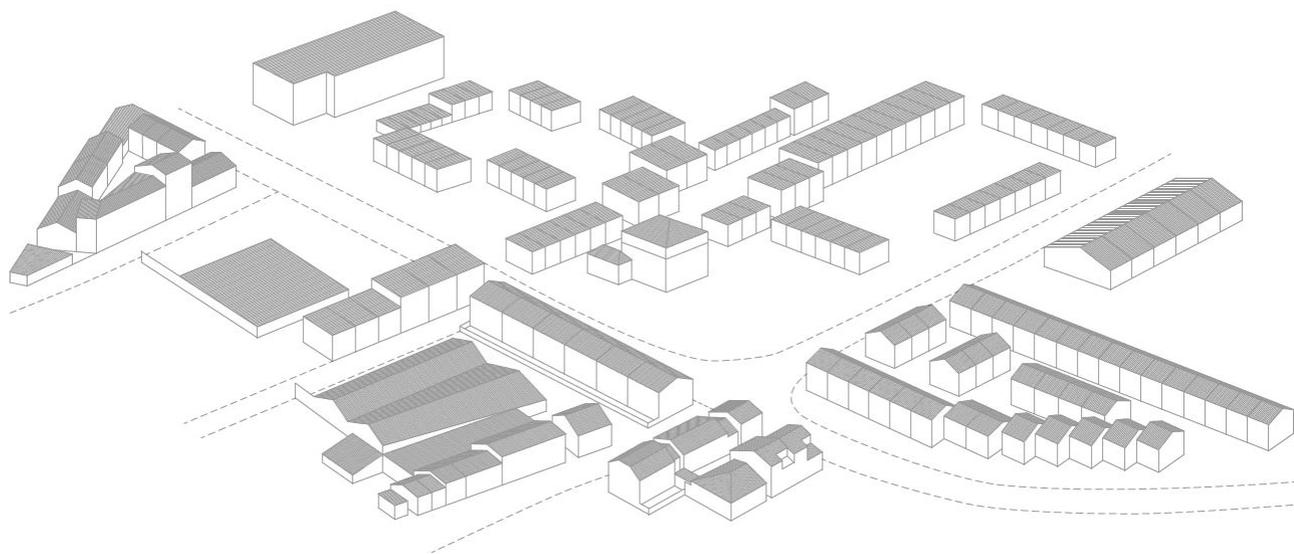


11 - Constelação de vazios como oportunidades de transformação urbana

*“They are as a constellation, a scheme made up of situationally arising units (...) bound to time, accident and circumstance. The idea of the city as an open-ended pattern removes the duality of interior and exterior space” (STRAUVEN, Francis (2002))*

Intervenção no espaço urbano, possibilitando a criação de entre-espacos com uso público. Intervir nos vazios-oportunidades como locais para uma acupuntura urbana, mas como possibilidade metodológica para quaisquer outros locais de Sines.

Isto é, a reabilitação do espaço público como projeto, recorrendo a princípios operativos que possam ser facilmente prolongados em redor, reconstruindo a cidade numa sucessão de fragmentos reconstruídos



12 - Axonometria de intervenção no espaço público



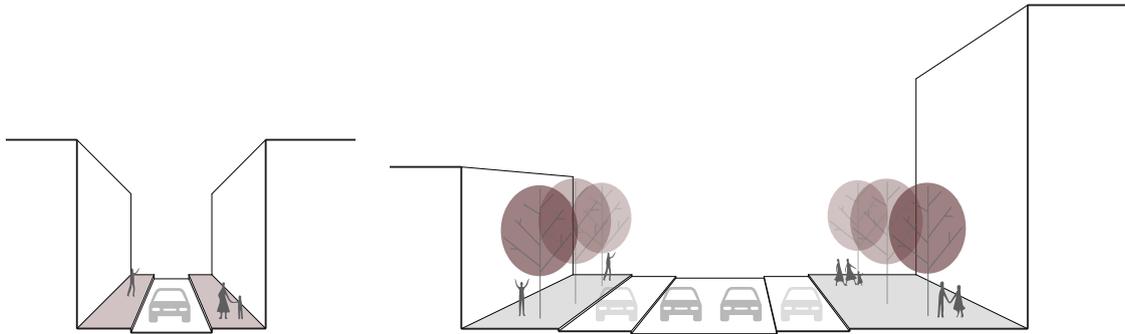
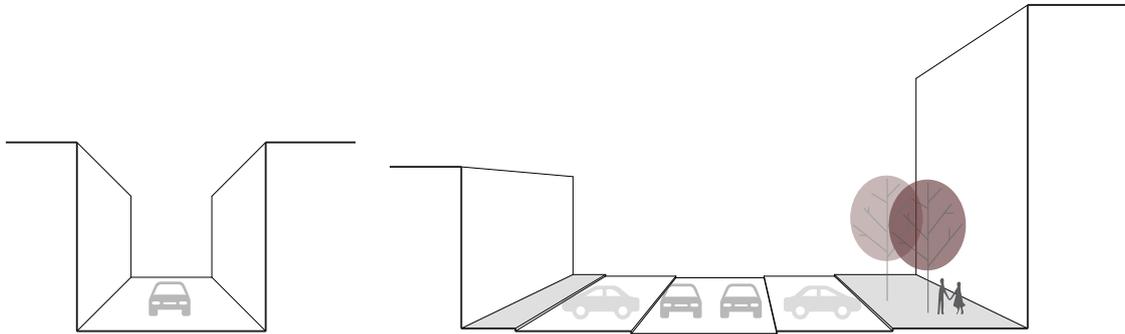


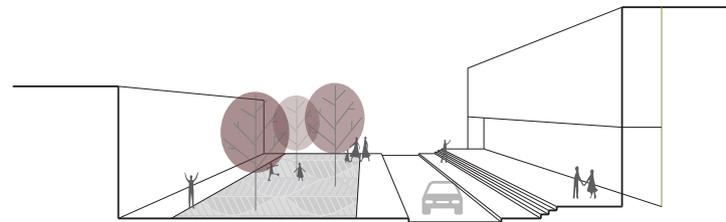
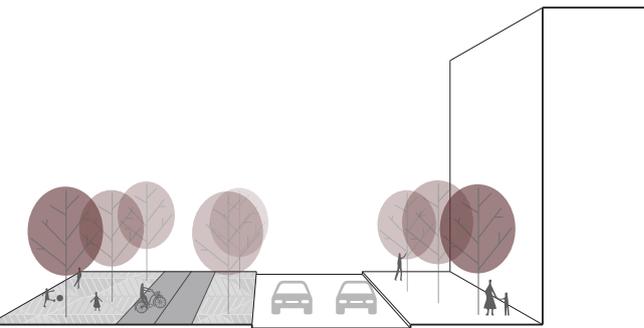
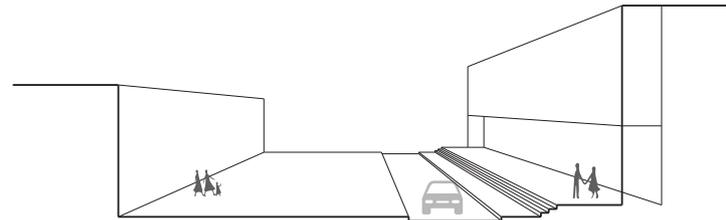
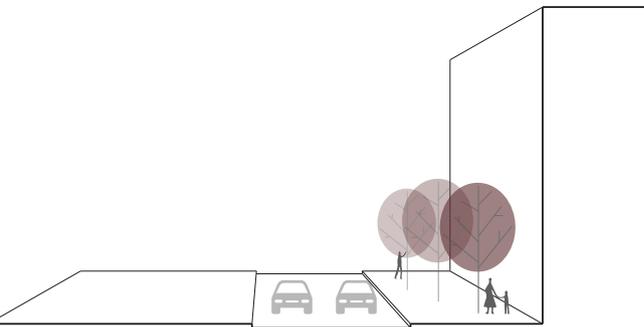




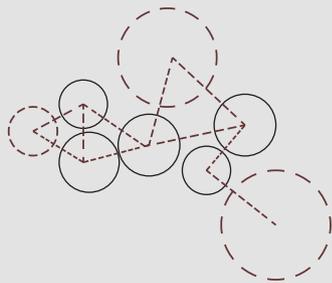






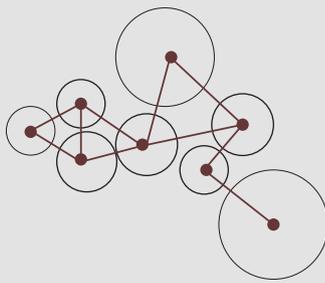


16 - Cortes-tipo da proposta de actuação sob vias existentes. Recorre-se ao (re)desenho de passeios e estacionamentos bem como os mesmos critérios ensaiados sobre os vazios



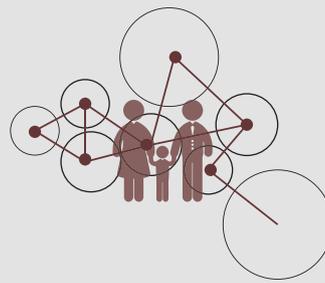
Espaços Residuais

+



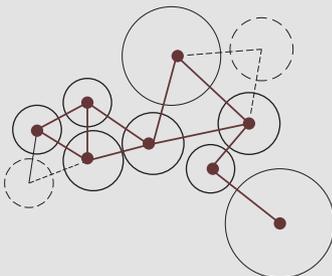
Sistema Espaço Urbano

+

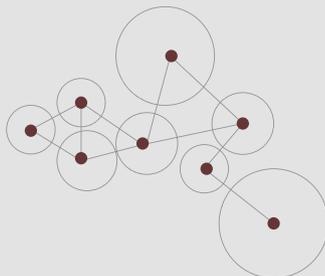


a. Participação como Processo

=



b. Uma Proposta em Diferentes  
Escala e Programas



c. Proposta: os 6 casos

#### 4. REALISMO POÉTICO: O PROCESSO DE UMA PROPOSTA COM METODOLOGIA EXTENSÍVEL

O que significa intensificar e ampliar a Arquitectura, porque mais intensamente se relaciona com os lugares e os seus agentes. Um *learning from*, um *active socioplastics*, que retoma necessariamente a missão de se constituir como contraponto formal a uma ambição social (SCOTT-BROWN, Denise (2010). *Ut architectura poesis*, diria Mies van Der Rohe (HARRINGTON, Kevin (1986), e porque a necessidade última da Beleza não é uma invenção da Arquitectura mas sim da sociedade (SIZA, Álvaro (1995)), o realismo que queremos construir será um realismo-poético.

Como suporte metodológico para a discussão de possíveis programas de intervenção para Sines, e de forma complementar ao retrato da evolução da estrutura social e económica da cidade, foi realizado um formulário com diferentes questões que se colocaram a habitantes da cidade com recurso a entrevista direta ou por meio eletrónico. A organização do questionário procurou compreender a imagem geral cidade configurada pelos habitantes, tentando em paralelo identificar problemas e lacunas percebidos pelos habitantes.

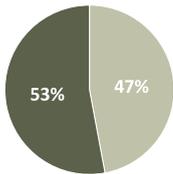
A amostra recolhida tem um impacto sobretudo metodológico e conceptual, dado que limitações de tempo e de recursos conduzam a um universo inferior a 1% e pouco controlado em termos de heterogeneidade dos diversos grupos populacionais.

Em paralelo foram questionadas algumas personalidades de áreas conexas da organização do território (arquitetura, paisagismo, planeamento), incluindo elementos da equipa CESUR-IST, que trabalhou em vários dos instrumentos de planeamento em vigor e em preparação para o concelho de Sines e de Santiago do Cacém.

Do cruzamento de circunstâncias e dos múltiplos retratos do lugar surge um sistema de programas de intervenção, que se legitima metodologicamente no mosaico de informações, a caminho de se autonomizar arquitetonicamente no mosaico de relações que estabelecerá com as disposições edificadas dos locais-oportunidades que irá reconfigurar.

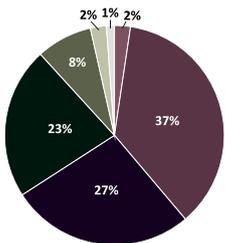


Género



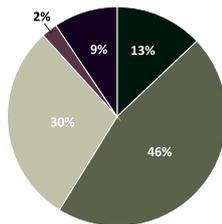
■ Mulheres  
■ Homens

Idade



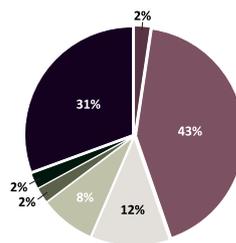
■ 10 aos 19  
■ 20 aos 29  
■ 30 aos 39  
■ 40 aos 49  
■ 50 aos 59  
■ 60 aos 69  
■ 70 aos 79

Escolaridade



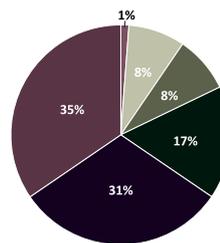
■ Inferior ao Secundário  
■ Secundário  
■ Licenciatura  
■ Pós-Graduação  
■ Mestrado

Profissão



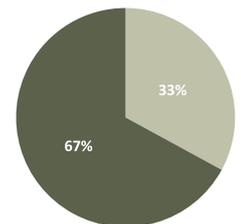
■ Arquitecto  
■ Indústria  
■ Estudante  
■ Desempregado  
■ CM Sines  
■ Reformado  
■ Outro

Há quanto tempo vive em Sines?



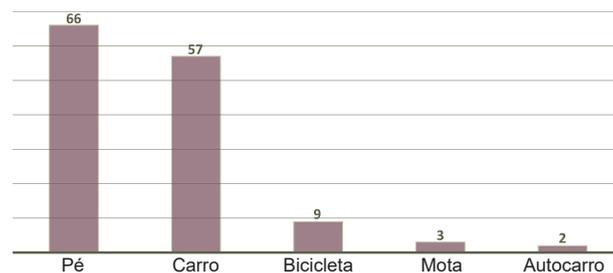
■ Até 1 ano  
■ 2 a 5 anos  
■ 6 a 10 anos  
■ 11 a 20 anos  
■ 21 a 30 anos  
■ Mais de 30 anos

Os edifícios e as ruas estão em bom estado de conservação?

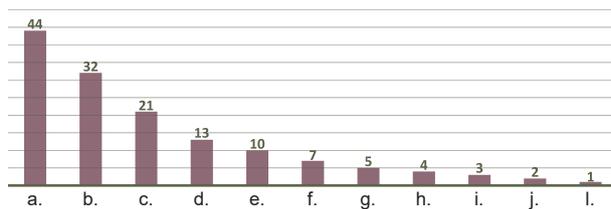


■ Não  
■ Sim

## Como se desloca na cidade?

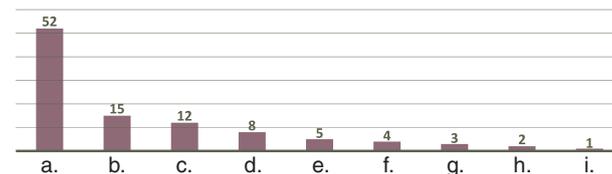


## Pontos de Interesse



a. Praia / b. Castelo / c. Avenida da Praia (Baía) / d. Festival Músicas do Mundo; Centro Histórico; Gastronomia / e. Paisagem / f. Proximidade ao Mar; Centro de Artes / g. Costa do Norte / h. Museu; Carnaval / i. Porto de Pesca; Pessoas; Turismo; Nenhum Aspecto / j. Av. Vasco da Gama; Porto Covo; Cultura; Indústria; História; Igreja / l. Cinema; Elevador; São Torpes; Localização

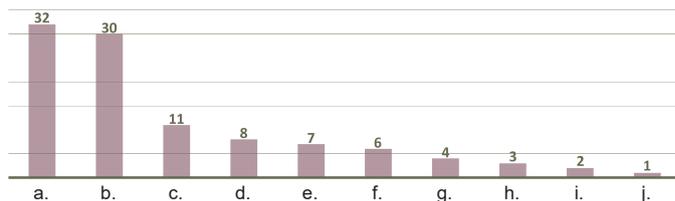
## O que gosta de fazer em Sines?



a. Passear / b. Ir à praia / c. Praticar desporto / d. Ver o mar / e. Nada; Cinema / f. Actividades ao ar livre / g. Pescar; Sair à noite / h. Socializar / i. Participação Cívica; Surf; Ficar em casa; Participar em actividades culturais

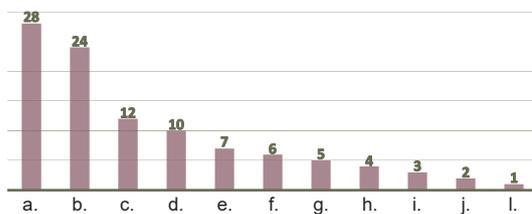
## a. Participação como Processo

## O que mais gosta em Sines?



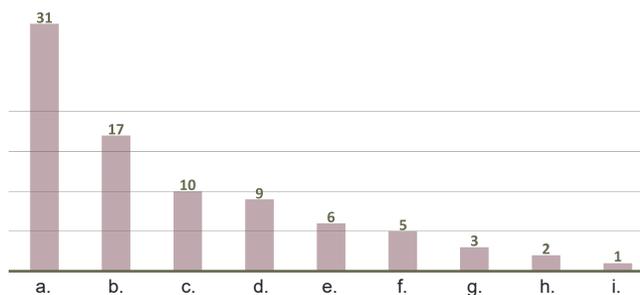
**a.** Praia / **b.** Proximidade ao mar / **c.** Ambiente calmo / **d.** Paisagem; Centro Histórico / **e.** Marginal; Eventos / **f.** Localização geográfica / **g.** População; História / **h.** Gastronomia / **i.** Qualidade de vida; Jardins; Diversidade Cultural; Noite / **j.** Elevador; Variedade de supermercados; Nada; Cinema; Ensino; Trabalho na cidade; Actividades Desportivas; Porto; Porto Covo

## Quais são os problemas de Sines?



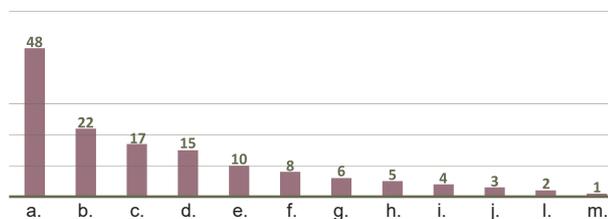
**a.** Falta de manutenção do espaço público / **b.** Poluição / **c.** Falta de limpeza nas ruas / **d.** Falta de aposta no turismo / **e.** Falta de oferta cultural; Falta de actividades para jovens / **f.** Falta de segurança; Falta de espaços verdes / **g.** Organização urbana / **h.** Falta de um parque de campismo / **i.** Falta de vida nocturna; Falta de um pólo universitário / **j.** Desertificação do centro histórico; Falta de canil; Excesso de superfícies comerciais; Falta de espaço para praticar desporto ao ar livre / **l.** Vandalismo; Falta de parque de caravanas; Falta de dinamização da baía da praia; Falta de estacionamento; População envelhecida; Má sinalização junto das escolas

### O que não gosta em Sines?



**a.** Poluição / **b.** Falta de Manutenção do espaço público / **c.** Falta de limpeza das ruas / **d.** Abandono do Centro Histórico; Falta de actividades de lazer / **e.** Confusão urbanística; Indústria; Falta de actividades para jovens / **f.** Aspecto da cidade; Cheiro; Elevador; Falta de segurança; Pouca aposta no turismo / **g.** Falta de vida nocturna / **h.** Parque de campismo; Centro de Artes; Falta de actividades relacionadas com o mar; Vandalismo; Falta de espaços verdes / **i.** Falta de espaço para desporto ao ar livre; Falta de parques infantis; Falta de estacionamento; Falta de abrigo para os animais; Falta de emprego para o sector feminino

### O que falta em Sines?



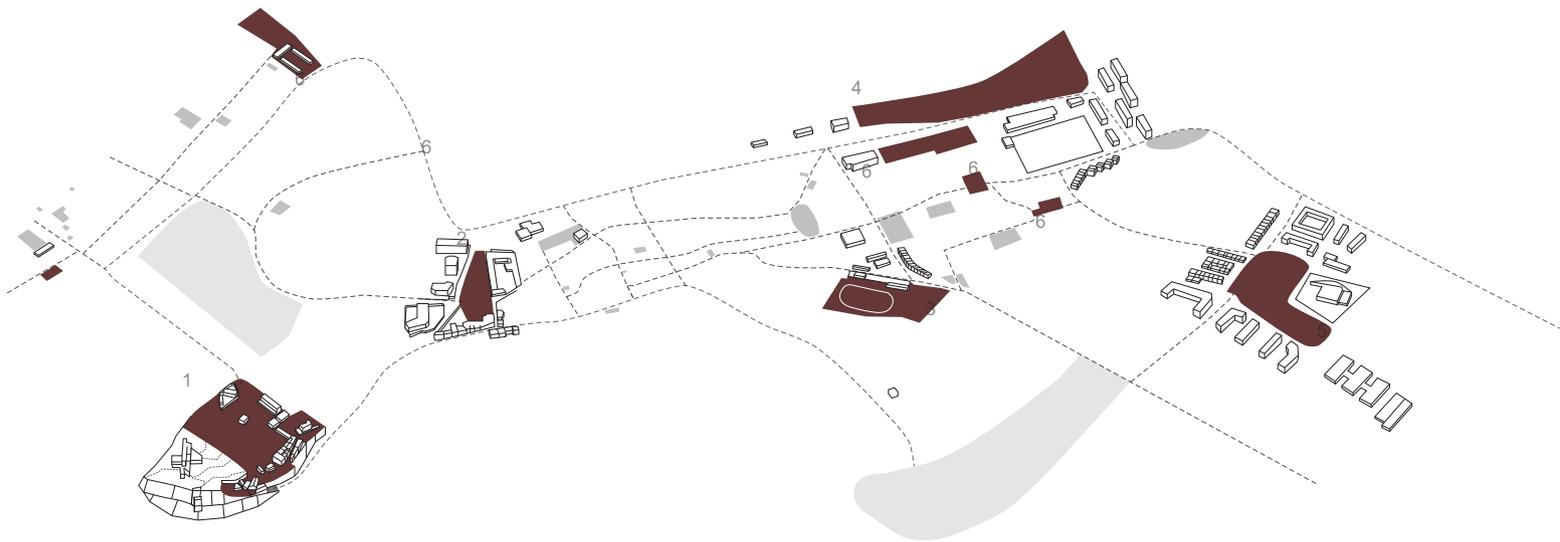
**a.** Zonas verdes / **b.** Centro comercial / **c.** Tribunal / **d.** Parque infantil; Centro de Saúde / **e.** Comércio local / **f.** Estruturas de apoio a campistas e caravanas / **g.** Teatro / **h.** Actividades para jovens / **i.** Parques recreativos; Discoteca / **j.** Canil; Posto da Polícia; Universidade; Espaços Sociais / **l.** Comboio; Hotel; Eventos; Cinema; Parque Municipal de Desporto / **m.** Piscina de água salgada; Pousada da juventude; Terminal rodoviário; Nova rota de autocarro; Escola de artes; Parque de merendas; Mercado; Hospital; Ludoteca

## b. Uma Proposta em Diferentes Escalas e Programas



19 - Planta síntese com a proposta de grupo e as localizações dos projetos individuais

## b. Uma Proposta em Diferentes Escalas e Programas



1. Indelével: Centro do Mar. Ana Fragata
2. Conexões Morfológicas: Museu de Sines. Luis Martins
3. Limite Difuso: Reconversão do Parque Desportivo Municipal João Martins. Andreia Tavares
4. A vida no Bairro: Centro Comunitário e Habitação. Nádía Gomes
5. Do fragmento à humanização do lugar: Complexo de Piscinas e Habitação. Sara Baião
6. Dos Espaços Intersticiais aos Lugares-Casa. Susana Rego